



O grupo apresenta-se a partir deste domingo, no Mercado Eufrásio Barbosa

Em Olinda, o toque do Nação Pernambuco

Depois de "invadir" a praia dos roqueiros e fechar o Abril Pro Rock, mostrando que os metais também estão ligados na ginga afro-brasileira, o Maracatu Nação Pernambuco parte para um projeto mais ousado. *Folia Geral* é o programa do grupo, marcado para todo primeiro domingo do mês, no Mercado Eufrásio Barbosa (do Varadouro), e começa hoje, às 18h. O toque forte, a dança peculiar, as músicas recriadas a partir de toadas e loas tradicionais transformam cada apresentação do Nação Pernambuco numa festa de muita energia. No repertório, músicas do elepê *Batuque da Nação*, lançado no final do ano passado, entre elas *Pernambucana*, *Pão e Circo*, *Maracatu Misterioso* e outros mais recentes como *Folia Geral*. Como a proposta do projeto é trazer a cada exibição um convidado especial, o cantor Marcílio Lisboa faz a abertura deste primeiro programa, com banda e bailarinos. O roteiro do show inclui frevos antigos e canções do novo disco do Asas da América. Lisboa promete também formar uma grande ciranda com os que chegarem juntos. Os ingressos, populares, custam Cr\$ 50 mil, tanto para estudante como promocional.

Ligação com as raízes negras

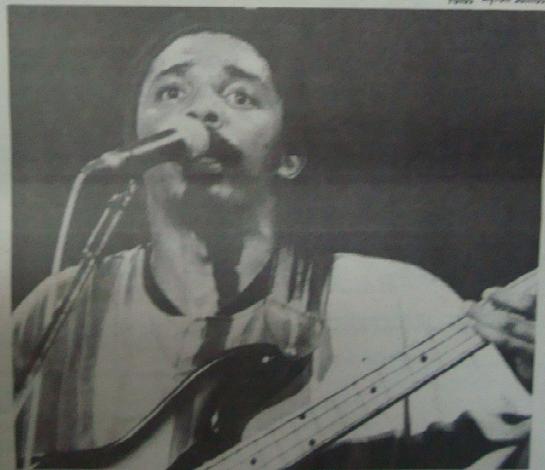
Deu certo. Do Recife para a Suíça, vindo a Pernambuco somente para férias. É a trajetória musical de Valdi Afonjá, instrumentista, arranjador, compositor e cantor, que tem um trabalho lindo, ligado às raízes negras. Fiel às origens, vem "resistindo com a cultura, no Brasil e no resto do mundo", como o próprio disse, durante o show.

Foi um espetáculo de reggae e maracatu, como o que cantava a Ewá, a deusa-orixá da lama. Ou Oniaê, composta para o afilhado. Valdi deu-se tão bem na Europa, que retorna nos tirando dois músicos — o tecladista Marcos Souza e o percussionista Bria Swing — para gravarem um CD e fazerem uma turnê pelo Primeiro Mundo.



Conhecemo-nos na década de 70, quando ele ainda era Waldir Fernandes, nos tempos dos Festivais do Radier. Quinze anos depois, ele canta *Não Pisa Eu*, interpretada, naquela época, por Ivano. Foi um **flashback**. Seu trabalho evoluiu no amadurecimento. A qualidade continua ótima. Não é à toa que a Suíça se rende às suas músicas. Em técnica, performance e identificação com o público, melhor janela local. Só meia-hora de show? Poderia começar tudo de novo.

Fotos: Ayron Santos



Valdi Afonjá, o sucesso do artista pernambucano com brilho de Primeiro Mundo

Racismo

Levamos ao conhecimento de V. S^a que esta Câmara aprovou a proposição de autoria do vereador *Marcelo Santa Cruz*, pela qual foi consignado na ata dos nossos trabalhos da reunião ordinária realizada no dia 15, próximo passado, *voto de protesto* para com o *Banco Itaú*, na pessoa do seu superintendente regional, pela forma discriminatória com a qual foi tratado o cidadão Kleber José de Oliveira Anastácio, quando se dirigiu à agência daquele banco na Rua Primeiro de Março, na cidade do Recife, para descontar um cheque no último dia 05 do corrente.

Na oportunidade, o autor da indicação lamentou o fato ocorrido em Recife, e disse que o sr. Kleber é mais uma vítima da discriminação racial em nosso País, e que é preocupante o número crescente de movimentos e organizações neo-nazistas espalhadas por esse Brasil afora, adotando a ideologia doentia da supremacia de uma raça sobre as demais, tão absurdamente propagada durante a Segunda Guerra Mundial por Adolf Hitler e seus seguidores. Sendo só o que se nos oferece para o momento, enviamos os melhores protestos de estima e consideração.
Luciano Soares — 1º Secretário.

Kart

Racismo será julgado

■ Denúncia do DIÁRIO gera ato solene

Um 13 de Maio diferente, com o racismo "sentado" no banco do réu, é o que prometem os integrantes dos movimentos negros de Pernambuco, com a realização de um júri simulado, a partir das 15h de hoje, no Plenário da Câmara dos Vereadores. O julgamento será uma encenação do "Caso Kléber", o comerciante paulista — Kléber José de Oliveira — discriminado pela gerente do banco Itaú quando tentava sacar, de sua conta, a importância de Cr\$ 230 milhões, incidente que fora publicado em primeira mão pelo DIÁRIO DE PERNAMBUCO em abril passado.

O julgamento contará com todas as figuras, do advogado de defesa ao promotor, passando pelas testemunhas e culminando com o corpo de jurados. Na defesa de Ezilda Monteiro, por exemplo, a atuação ficará por conta do criminalista Juarez Vieira da Cunha, aparecendo na acusação o também criminalista Gilberto Marques de Melo Lima, dupla que se tornou conhecida nacionalmente, em função dos trabalhos desempenhados durante o júri do "Caso da Mandioca".



Foto A-DF

Kléber foi discriminado no Itaú

Para Jorge Andrade, representante da Assocape — Associação de Capoeira de Pernambuco, "o 13 de Maio é lembrado como o Dia Nacional de Luta contra o racismo, bem diferente do que imaginam algumas pessoas, partindo do princípio de que há razões para comemorações por conta da libertação. Na verdade, não temos motivos para festejar nada. Nossa data, significativa sob todos os aspectos, é o 20 de novembro, dia nacional da consciência negra, quando homenageamos nosso símbolo maior, que é

Zumbi dos Palmares".

Conscientização — Na opinião de "Dito de Oxóssi", representante do Afoxé Ilê de Egbá, "a ocasião servirá para conscientizar as pessoas a aprenderem a se defender em determinados momentos. No caso do Kléber Oliveira, por exemplo, ele ousou denunciar o racismo praticado pela gerente do banco, enquanto o DIÁRIO DE PERNAMBUCO foi muito feliz ao publicar o fato, tão importante que teve notoriedade nacional. É preciso deixar claro, mais uma vez, que racismo é crime e está na hora de acordar, porque ele existe em muitos aspectos. Está embutido, e é preciso denunciar, lutar contra o abuso".

O racismo em julgamento, segundo Manoel Escobar, "Maninho", integrante da Comissão do Negro da Câmara dos Vereadores "terá votação aberta, com cada jurado declarando sua preferência. O Poder Legislativo está fornecendo instrumento importante, que é a cobertura jurídica. Na condição de entidade pública aparece como grande colaboradora da causa. Vale a pena denunciar os que se dizem não-racistas, mas que no fundo prejudicam a pessoa, como foi o caso do Kléber, que fora preso e conseguiu, através de documentos, se livrar de um flagrante, enquanto a gerente de banco ficou impune para agir em outras ocasiões".

URBANA

INSTITUTO DE NEUROQUIRURGIA E NEUROLOGIA DO RECIFE

NEURO

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Preconceito condenado

■ Júri simulado pune gerente que discriminou

O preconceito em todas as formas e a gerente do Banco Itaú, agência 1º de Março, Ezilda Maria Monteiro, foram condenados por unanimidade (sete a zero), em júri simulado realizado no plenário da Câmara de Vereadores do Recife, cujo resultado era obviamente previsto. Um juiz de verdade, que se declarou impedido de presidir a mesa, por haver um habeas corpus tramitando em favor da acusada, promotores e um advogado reais foram os personagens do julgamento, marcando a passagem do dia 13 de Maio, consagrado como Dia Nacional de Luta Contra a Discriminação Racial.

Por ser um júri simulado, os nomes da vítima e da ré — res-

pectivamente, o comerciante paulista negro Kleber José de Oliveira e a gerente de banco Ezilda Monteiro — foram trocados para os nomes fictícios de Kleto José de Oliveira e Zilda Maria Monteiro, ambos representados no tribunal pelos atores Edgesson Ferreira e Mônica Holanda. O comerciante Kleber de Oliveira veio de São Paulo exclusivamente para assistir ao julgamento, negando-se a fazer qualquer depoimento — embora convidado pelo juiz-substituto, advogado João Olímpio Mendonça, nomeado pelo juiz real, Paulo Romero de Sá. “Estou orientado pelo meu advogado a não fazer declarações”, justificou o comerciante que entrou sob aplausos no plenário.

Os advogados Gilberto Marques de Melo e Paulo Maia Souto atuaram como promotores da gerente do Banco Itaú, acusando Ezilda Monteiro de prática de racismo. O jurista Juarez Vieira

Cunha atuou na defesa da acusada, argumentando que não deveria estar em julgamento a discriminação da gerente do banco, “que agiu no interesse do banco, mas não da sociedade”. “Não são os fatos que explicam as pessoas, são as pessoas que explicam os fatos”, conceituou Juarez Vieira, tentando convencer que a gerente não agiu especificamente contra Kleber de Oliveira, mas devido ao estigma criado contra o negro pela sociedade. Os argumentos não convenceram o júri formado por representantes de diretórios acadêmicos de Direito, ONG’s e sindicatos.

A sentença do juiz foi de dois anos e seis meses de prisão, com direito à liberdade condicional na metade da pena, pagando o restante do tempo com o seguinte “serviço à comunidade”: ficar uma hora por dia em via pública com uma placa ao pescoço dizendo: “Fui condenada por crime de racismo”.

Em momento do espetáculo que faz estréia mundial no Teatro Guararapes

Os ritmos que vêm da África

O Balé Teatro Castro Alves escolhe o Recife para a estréia de novo espetáculo

O Balé Teatro Castro Alves fará pela primeira vez a estréia mundial de um espetáculo fora de casa. A cidade escolhida para assistir à nova coreografia do grupo brasileiro será o Recife. Através da promoção da Companhia de Dança e de um convite da Fundação Cultural do Estado da Bahia, o Balé Teatro Castro Alves fará apresentando nos dias 22 e 23 de maio sua nova produção, intitulada *A Cor da Lua*, do bailarino e coreógrafo Armando

Pekeno. O programa começa às 21h30, no Teatro Guararapes, no Centro de Convenções. Fazendo parte do Teatro Castro Alves, o balé foi criado em agosto de 1981 como a quinta companhia oficial de dança do Brasil e a primeira do Norte e Nordeste do País. Desde o início, o grupo tem colhido elogios rasgados da crítica especializada e das platéias das principais capitais brasileiras e cidades do Exterior, como o demonstra artigo publicado na Folha de São Paulo: "Um presente para os que apostam em caminhos próprios para as companhias brasileiras de dança. Troca-se o or-

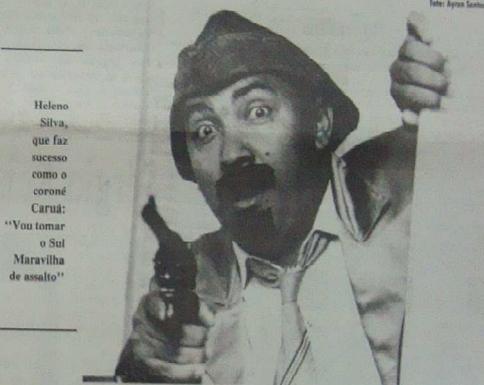
guelho bobo das cópias bem-feitas pela certeza do valor de um bom original". No ano passado, O Balé Teatro Castro Alves encantou público e crítica dos Estados Unidos e da Argentina, o que deve se repetir agora. Depois do Recife, o grupo vai participar de um festival na antiga Tcheco-Eslováquia, seguindo para a Bélgica, Alemanha e Suíça. Em setembro, outra turnê internacional, novamente para os Estados Unidos, incluindo Nova Iorque e Filadélfia. Definida como uma companhia de dança contemporânea, o Castro Alves alia a técnica clássica, sem deixar de lado a herança cultural e racial dos seus membros. Os vinte e quatro bailarinos têm uma formação de dança afro, capoeira e dança moderna, no entanto a badança moderna, no entanto a badança é clássica. A força cênica e a presença atlética das doze mulheres e dos doze homens são difíceis de igualar.

A lua e sua cor — A nova peça do Balé Teatro Castro Alves leva ao palco do Teatro Guararapes, um dos melhores da América Latina e uma das razões para a estréia mundial do espetáculo acontecer aqui na cidade, a simbologia afro-baiana, os signos da etnia. Através de linguagem contemporânea, *A Cor da Lua* retrata a forma como hoje isso é captado na Bahia, conservando a sua essência. "É um trabalho de movimentação muito intensa, onde até os símbolos do cotidiano estão presentes. As danças e os ritmos de rua até canções africanas. A ilustração visual é outro elemento importante", ressalta o autor do espetáculo, o coreógrafo Armando Pekeno.

O diretor do balé, Antônio Carlos Cardoso, acha que *A Cor da Lua* será uma peça significativa dentro do repertório da companhia. "Fazia muito tempo, desde a peça *Sonhos de Castro Alves*, que o grupo não apresentava uma produção completa em relação à música — composta especialmente para a coreografia e de autoria do compositor, instrumentista e arranjador Sérgio Souto — cenário e figurinos. É muito importante a retomada desse processo com esta obra, que eu estou acreditando muito", afirma Cardoso. A coreografia é outro destaque e é assinada pelo artista plástico baiano, Gilson Rodrigues, que pela primeira vez trabalha com a companhia. Além de *A Cor da Lua*, integra o repertório desse espetáculo, a coreografia *De Noi Gê Gerê*, de Guilherme Botelho, que já foi apresentada em Genebra.



Simbologia afro-baiana está presente em "A Cor da Lua"



Heleno Silva, que faz sucesso como o coronel Caruá: "Vou tomar o Sul Maravilha de assalto!"

Um jeito nordestino de fazer humor: Caruá

Wilde Portelo

O brasileiro não é bom de memória. É o que dizem. Mas, muito espectador que vive ligado na telinha do aparelho de televisão está lembrado de um tipo engraçado chamado Coronel Caruá. Ele apareceu fazendo propaganda — a nível nacional — de uma determinada marca de cinto plástico de PVC. A partir daquele momento seu prestígio subiu a tal ponto que, da noite para o dia, conseguiu comprar carro novo, casa e cair na boemia. "Eu ganhava mil e quinhentos cruzeiros (antigos) e da propaganda recebi no banco um cachê de Cr\$ 50 milhões", relembra.

Seu nome verdadeiro é Heleno Francisco da Silva, e de sua infância lembra apenas que foi um menino pobre que fugiu de casa e ganhou o mundo. Trabalhou em parque de diversão, na lavoura, em vacaria e construções, como ajudante de pedreiro. "Mas, desde pequeno que eu era um fã do Coronel Ludgero", afirma. "Uma vez, quando eu tinha nove anos, dei um jeito de entrar e fugi pela janela para ver um show dele. Não consegui porque meus pés foi perfurado por teco de pau".

No ano seguinte seu maior ídolo morreu num desastre de avião e o Nordeste ficou de luto. O humorista ficou variado e o fetiche do Coronel Ludgero fez aparecer muitos imitadores.

Porém, Heleno Silva não o imita, como ele próprio afirma, apenas lhe presta uma homenagem. Sua roupa extravagante, seu velho revolver e seu chapéu de vaqueiro atualmente invadem os lares de 93 municípios — incluindo a Paraíba — com o programa *Coronel Caruá Show*, na tela da TV Pernambuco. "Se o show da Xuxa é com tia, por que é que o do Caruá não pode ser com cê?", indaga.

Rádio — Tudo começou quando finalmente Heleno conseguiu arranjar emprego como motorista de um vendedor de água sanitária. Ele dirigia e fazia a locução para vender o produto intitulado a voz do Coronel Ludgero. "Quando o dono da fábrica me contratou o produto começou a sair mais", declara. "Depois, fui ser motorista de táxi e um dia fui o programa de Jader Bastian, o *Clube do Tênis*, na Jornal do Comércio. Ele premiava o motorista que chegasse em seu programa primeiro".

Heleno Silva, o Caruá, chegou primeiro, falto de microfone, usando Ludgero, egrégio e passou a participar do programa como o "Fiscal Tênis", apontando o defeito das bolas de tênis. Depois passou para as rádios *Repórter* e *Jovem Cap*. Além disso, passou a fazer locução na Rádio Cassa, em ocasião de locução para os vendedores. Foi em 1977 que apareceu sua grande chance quando foi contratado pela Rádio Clube, indicado pelo apresentador Paulo Marques.

"Deixei o táxi e fiquei com o Clube e a Cassa", ressalta. "Em 1979 gravei meu primeiro disco, pela RCA, por indicação do sanfoneiro Dominguinhas". A música *A Noiva* entrou nas paradas de todo o Nordeste. Foi um sucesso muito rápido para quem mal aprendera a assinar o nome. "Ganhei rios de dinheiro" — lembra —. Não sabia o que fazer com tanto dinheiro. De repente perdi tudo, inclusive os móveis que havia comprado e o carro".

O jeito foi voltar para Caruaru, depois de ter trocado a Rádio Clube pela Jornal do Comércio, um arrendamento antigo. Na difusão daquela cidade do Interior começou tudo de novo e voltou a abarcar o velho sucesso. Também trabalhou em Garanhuns e hoje está no universitário, já de bem com a vida e ganhando salos mais altos e com projetos mais ambiciosos. "Estou me preparando para viajar e passar dois meses no Sul do País", avisa.

Ele bem que poderia voltar a *Escritório de Professor* de Armando ou o banco de Paulo e Helena. Seu tipo é inconfundível e bem conhecido por os coreógrafos que costumam incorporá-lo a "originais". O império para Manoelito, o melhor o Coronel Caruá é que necessariamente o sucesso e longe é que eles atinjam suas queridas do Nordeste. Se um grande sucesso não trouxer, evidentemente, há um jeito, já sabido, não sabem o que estão perdendo.

■ Umbandistas negociam IPTU

Representantes de 50 terreiros de Olinda se reúnem, amanhã, com o prefeito Germano Coelho, para negociar o IPTU dos templos, convênios para projetos culturais e um espaço para a sede do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira(Intecab). O encontro acontecerá às 11h, no Terreiro Nossa Senhora do Carmo(rua Dr. Natércio de Holanda, Passarinho, Olinda). Na próxima semana, os pais-de-santo vão ter uma audiência com o prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos, no centenário Sítio Pai Adão, em Água Fria. Segundo o coordenador do Intecab em Pernambuco, Manuel do Nascimento Costa, as reivindicações dos umbandistas do Recife são as mesmas dos de Olinda.

■ Racismo leva negra à cadeia

RIO — A advogada negra Aglaete Nunes Martins foi condenada a três meses de detenção por haver chamado de racista a advogada branca Leilah Borges Barbosa Ribeiro. A sentença foi dada pela juíza Sirley Biondi, da 21ª Vara Criminal do Rio de Janeiro. Em 1987, Aglaete e Leilah concorreram à presidência da seção carioca da OAB-Mulher, organismo de defesa da mulher da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Aglaete venceu a eleição por 13 votos contra 11, mas, segundo a advogada negra, as pressões da concorrente impediram-na de tomar posse.